

Cousas arabico-portuguesas

1. A inscripção arabe do cofre da Sé de Braga

No n.º 3 do jornal *Artes e Letras*, a pag. 94 (anno de 1874), publicou o sr. A. Soromenho a traducção d'esta inscripção. Esta figura depois no livro de sr. Filippe Simões, *Cartas*, e saiu de novo em alguns jornaes por occasião da exposiçãõ de arte sacra, do verão d'este anno. Como a traducção tem incorrecções e o texto ainda não foi publicado damo-los ambos a seguir. O texto está falho do fim, por quebra de uma porção da tampa do cofre.

A inscripção é circular e bastante facil de ler-se:

بسم الله بركة من الله ويمين ومسعادة للحاجب سيف الدولة اعزه
الله مما امر بعمله على لدى العا..... عامرى*

Bem entendido, nem os pontos diacriticos nem os mais signaes orthographicos são do texto, mas de interpretação minha.

A traducção é a seguinte:

Em nome de Deus. A benção de Deus, felicidade e fortuna seja com o hajib Saif addaula. Honre-o Deus por ter mandado fazer esta obra a.....

O resto, ou falta, ou não é susceptivel de interpretação.

O sr. Soromenho traduziu:

Em nome de Deus, a benção, a prosperidade e a fortuna para o hadjib Seifo'-d-daula por esta obra que mandou fazer por mão de..... seu eunuco alamerita.

O que é facto é que as palavras *seu eunuco* não estão no texto, e que em *alamerita* o traductor ajuntou o artigo *al*. As illações historicas do sr. Soromenho tambem não têm base absolutamente alguma, e o melhor será confessar que do texto nada se póde concluir. Os Saif addaula (i. e., espada do imperio) são nos paeses musulmanos sobrenomes muito communs, e innumerous individuos assim se appellidaram.

2. Cêrco de Silves

Não virá talvez fóra de proposito desfazer um outro êrro em que o sr. Soromenho incorreu e fez incorrer A. Herculano. No vol. II, 4.^a ed., da *Historia de Portugal*, a pag. 452, Herculano dá como subministrado por aquelle o seguinte passo, traduzido da *Historia dos Almôhadas*, de Abdaluahide, pag. 203 e 204:

«Botros (Pedro) Ibn Errik cercou Silves. Auxiliaram-no os francos (afranjes) combatendo-a por mar com galés e albatôças, por os ter o rei convidado com a condição de que elle ficaria com a cidade, tocando-lhes a elles os habitantes. O que assim se fez. O amir, apenas soube da tomada, dirigiu-se logo com grande exercito de mar e de terra sobre Silves, a qual achou descercada, por haver partido o melik Ibn-Errik sobre um dos dos castellos maiores do partido, chamado Torroxo, o qual tomou.»

O texto não diz precisamente isto. Diz Abdaluahide:

ولما كان في سنة ٥٨٥ قصد بطرو بن الريق لعنه الله مدينة شلب من جزيرة الاندلس فنزل عليها بعساكرة واعانه من البحر الافرنجى بالبطس والشوانى وكان وقد وجه اليهم يستدعيهم الى ان يعينوه على ان يعجل لهم سبى البلد وله هو المدينة خاصة ففعلوا ذلك ونزلوا عليها من البر والبحر فملكوها وسبوا اهلها وملك ابن الريق لعنه الله البلد وتجهز امير المومنين في جيوش عظيمة وسار حتى عبر البحر ولم يكن له هم الا مدينة شلب المذكورة فنزل عليها فلم تطق الروم دفاعه وخرجوا عنها وعن ما كانوا قد ملكوه من اعمالها ولم يكفه ذلك حتى اخذ حصنا من حصونهم عظيما يقال له طرشر ورجع الى مراکش *

Eu traduzo assim:

«Quando chegou o anno anno de 585 (1188-89 de J. C.) Pedro ¹ filho de Henrique — amaldiçoado seja! — foi contra a cidade de Sil-

¹ O texto diz claramente — Pedro: porque pois escrever Botros? Veja-se a descripção do cêrco em Herculano, *Historia de Portugal*, II, pags. 30-49.

ves na Peninsula de Andalús. Cercou-a com as suas tropas, e os franges vieram em seu auxilio por mar com galés e albetças. As condições d'este soccorro foram que os prisioneiros feitos pertenceriam a estes, e a elle a cidade, e assim se accordou. Atacaram-na, pois, por terra e por mar, fizeram os seus habitantes captivos e o filho de Henrique — amaldiçoado seja! — ficou senhor da cidade. Então o emir dos crentes fez prestes um grande exercito, e com elle se foi além mar com o proposito firme de libertar a dita cidade de Silves. Cercou-a, mas os christãos, não podendo defendê-la, abandonaram-na e afastaram-se da região que ella domina. Quanto ao emir só se satisfez depois de lhes ter tomado uma das suas principaes fortalezas por nome Torroxo¹; e logo voltou á cidade de Marrocos.»

Como se vê, o traductor não percebeu bem Abdaluhide, e no fim fez-lhe dizer o contrario do que elle escreveu!

Ibn Alathir, um dos mestres da historia entre os arabes, traz na sua *Chronica Perfeita*, XII, pag. 37, um artigo sobre o mesmo assumpto. Como elle ainda não foi traduzido, e por opportuno, damo-lo aqui, texto e traducção.

سنة ست وثمانين وخمسمائة ذكر ملك الفرنج مدينة شلب
وعودها الى المسلمين في هذه السنة ملك ابن الرنك وهو من ملوك
الفرنج غرب بلاد الاندلس مدينة شلب وهي من كبار مدن المسلمين
بالاندلس واستولى عليها فوصل الخبر بذلك الى امير ابي يوسف
يعقوب بن يوسف بن عبد المؤمن صاحب الغرب والاندلس فتجهز
في العساكر الكثيرة وسار الى الاندلس وعبر المجاز وسير طايقة كثيرة
من عسكرة في البحر ونازلها وحصرها وقاتل من بها قتالاً شديداً حتى
ذلوا وسالوا الامان فامنهم وسلموا البلد وعادوا الى بلادهم وسير جيشاً
من الموحدين ومعهم جمع كثير من العرب ففتحوا اربع مدن كان
الفرنج قد ملكوها قبل ذلك باربعين سنة وفتحوا في الفرنج فخافهم
ملك طليطلة من الفرنج وارسل يطلب الصلح فصالحه خمس سنين
وعاد ابو يوسف الى مراکش.

¹ Torres Novas. Sobre a retomada de Silves e invasão no meio-dia de Portugal, veja-se Herculano, *Historia de Portugal*, II, pag. 52-59.

«Anno de 586 (1189-1190 de J. C.). Como os christãos tomaram Silves, e os musulmanos voltaram a ser senhores d'ella. Neste anno o filho de Henrique, um dos reis do occidente do Andalús, fez-se senhor da cidade de Silves, que é uma das maiores cidades musulmanas d'aquelle país. Quando isso foi sabido do emir Abú Yosof Yacub filho de Yosof filho de Abdalmumen soberano do Magreb e do Andalús fez prestes um grande exercito e poz-se a caminho do Andalús embarcando em Alcacer Ceguér, em quanto uma parte das tropas seguia por mar para Silves. Quando aqui chegou acampou junto d'ella e cercou-a pondo os senhores da cidade em grande aperto. Então estes foram obrigados a pedir misericordia, que o emir lhes concedeu; e entregaram a cidade e voltaram para o seu país. Depois o emir mandou um exercito de Almóhadas e numerosas tropas de Arabes a conquistar 4 cidades que havia 40 annos os franges lhes tinham tomado. Os musulmanos atacaram-nas com vigor; então o rei frange de Toledo receoso apressou-se a pedir-lhes a paz, que se fez estabelecendo-se uma tregoa de cinco annos. Depois o emir Ibn Yosof voltou para a cidade de Marrocos.»

3. A geographia de Ibn Saïde

Não quero terminar este pequeno artigo sem fazer conhecido dos leitores d'*O Archeologo* o precioso achado d'esta obra.

Os que conhecem o periodo arabe da Peninsula ouviram sem dúvida fallar da obra d'este auctor, cuja existencia se ignorava nas bibliothecas da Europa ou accessiveis a europeus, e esta perda parecia irreparavel, porque é o que se fez de mais circumstanciado sobre a nossa Peninsula naquelle periodo. Conheciamos os rasgados elogios que os geographos que tinham tratado da Hispania lhe dirigiam, e Almacari (*Analectes sur l'histoire et la littérature des Arabes d'Espagne*, I, 138 e 139) chegou mesmo a dar-nos d'essa obra uma noticia desenvolvida do seu conteúdo. Pois, graças aos esforços da Academia de Historia de Madrid (parece que estas cousas não são bagatellas alem Caia!), e á grande e incansavel dedicacão do sr. Codera, professor de arabe em Madrid, já possuímos alguns pedaços d'aquella obra. A Academia de Historia tem adquirido ultimamente perto de 100 mss. arabes que tratam da historia da Peninsula. Quer pelos agentes consulares da Hespanha nos países musulmanos, quer por missões especiaes (por exemplo a do sr. Codera em 1891 na Argelia e Tunis; do sr. Ribera, professor de arabe em Saragoça, á cidade de Marrocos, acompanhando Martinez Campos em 1894, etc.), esta

Academia tem prestado relevantes serviços a estes estudos. Em 1891, (*Boletim* d'esta Academia, XIX, 498-506) recebeu ella do Cairo uns fragmentos (um tomo de 108 fol.) da obra de Ibn Saide, infelizmente em mau estado, encontrados na bibliotheca do Khediva. Estes fragmentos tratam do oriente da Peninsula.

Novos achados na mesma bibliotheca trouxeram-nos novos fragmentos mais importantes, e para nós mais interessantes, por conterem a parte descriptiva de Portugal. O sr. Codera dá d'elles uma noticia no *Boletim* da Academia, XXVII, 148-16. Compreendem 325 folios e formam parte dos tomos X e XI d'esta obra. Para que se conheça da sua importancia para nós, extrahimos do dito artigo a parte que nos diz respeito. O sr. Codera fez algumas leituras inexactamente, que nós corrigimos em nota.

الكتاب الثالث من الكتب التي يحتوى عليها غرب لاندلس في حلى مملكة بطليوس, Livro 3.º dos livros que contem o occidente do Andalús, á cêrca das excellencias do reino de Badajoz.

Fol. 186. — مدينة ماردة في حلى الكتاب الاول, Livro 1.º Da cidade de Merida.

Fol. 189. — مدينة بطليوس في حلى الكتاب الثانى, Livro 2.º Da cidade de Badajoz.

Fol. 191. — مدينة مدلين في حلى الكتاب الثالث, Livro 3.º Da cidade de Medellin.

Fol. 192. — قلنة حصن في حلى الكتاب الرابع, Livro 4.º Do castello de Calana? ¹

Fol. 193. — مدينة يابرة في حلى الكتاب الخامس, Livro 5.º Da cidade de Evora.

Fol. 196. — مدينة ترجلطة في حلى الكتاب السادس, Livro 6.º Da cidade de Trujillo.

¹ Leia-se قلنة, Colna, i. é, Coína.

Fol. 197.— الكتاب السابع في حلى حصن جلمانية، Livro 7.º Do castello de Chelmenia¹.

الكتاب الرابع من كتب غرب الاندلس في حلى المملكة الشلبية
Livro 4.º dos livros que conteem o occidente do Andalús, á cêrca das excellencias do reino de Silves.

Fol. 200.— الكتاب الاول في حلى مدينة شلب، Livro 1.º Da cidade de Silves.

Fol. 205.— قرية شتبوس في حلى الكتاب الثاني، Livro 2.º Da alcaria de Xannapuç?²

Fol. 208.— قرية رمادة في حلى الكتاب الثالث، Livro 3.º Da alcaria da Ramada?³

Fol. 210.— مدينة شنتمرية في حلى الكتاب الرابع، Livro 4.º Da cidade de Santa Maria.

Fol. 213.— مدينة العليا في حلى الكتاب الخامس، Livro 4.º Da cidade de Alolya?⁴

Fol. 214.— مدينة فيطرة في حلى الكتاب السادس، Livro 4.º Da cidade de Fitala?⁵

الكتاب الخامس من كتب غرب الاندلس في حلى مملكة باجة
Livro 5.º dos livros que conteem o occidente do Andalús á cêrca do reino de Beja.

¹ Leia-se جلمانية, *Julumenia, Juromenia*.

² Deve ser *Estombar*.

³ Não a pude identificar. Leia-se *Rameda* ou *Romeda* (o *ā* no dialecto peninsular pronunciava-se *é*, e assim مارتلة é Mertola, que tambem é escripta مبرتلة, o que prova esta pronúncia. Será Paderne (tambem Paderna na «Chronica da conquista do Algarve», *Memorias da Litteratura Portugueza*, t. i), بدارنة?

⁴ Leia-se العليا, *Alolié, Loulé*.

⁵ Deve, sem dúvida, ler-se قسطلة, *Castella*, que nos geographos arabes é *Cacella*.

Fol. 216. — الكتاب الاول في حلى مدينة باجة, Livro 1.º Da cidade de Beja.

Fol. 219. — الكتاب الثانى في حلى حصن مارتلة, Livro 2.º Do castello de Mertola.

الكتاب السادس من كتب غرب الاندلس في حلى مملكة اشبونة
Livro 6.º dos livros que conteem o occidente do Andalús, á cêrca das excellencias do reino de Lisboa.

Fol. 222. — الكتاب الاول في حلى مدينة اشبونة, Livro 1.º Da cidade de Lisboa.

Fol. 224. — قرية القبذاق في حلى الكتاب الثانى, Livro 2.º Da alcaria de Alkibdzak?¹

Fol. 226. — مدينة شنترية في حلى الكتاب الثالث, Livro 3.º Da cidade de Sintra (Cintra).

Fol. 228. — الكتاب الرابع في حلى شنترين, Livro 4.º Da cidade de Santarem.

DAVID LOPES.

Antas de Monsaráz

Em appendice á noticia inserta n-*O Archeologo*, pag. 222, devo accrescentar que, posteriormente ao reconhecimento das antas da Herdade do Duque, foi achado pelo lavrador João Lopes Gallego, de quem se falla a pag. 241, uma goiva (que eu vi) de pedra polida na mesma anta em que appareceram os outros objectos de pedra mencionados a pag. 222.

Devo esta noticia tambem á amabilidade do Sr. Pereira Nóbrega, em cujo poder está a goiva.

¹ Alquibdeque (mantendo os vogaes do sr. Codera, que sem dúvida são as do texto), que é Alcabideche, perto de Cascaes.